

Emoções e moralidades entre mulheres com práticas homoeróticas: uma resenha

OLIVEIRA, Jainara Gomes de. *Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres*. Curitiba: Appris, 2016, 169 p. (Coleção Ciências Sociais).

O livro “*Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres*”, de Jainara Oliveira, foi escrito originalmente como uma dissertação de mestrado em Antropologia, defendido em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba – PPGA/UFPB. Considero válido também mencionar que a dissertação foi aprovada com indicação para publicação pela banca examinadora.

Publicado no inverno de 2016, pela Coleção Ciências Sociais da editora Appris, este livro de Jainara Oliveira, - agora doutoranda em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGAS/UFSC, - explora os sentidos ambíguos e ambivalentes do risco e do prazer nas práticas homoeróticas entre mulheres, residentes na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, região Nordeste do país. Nesse sentido, como ressalta Mônica Franch, em seu prefácio para o livro, “são muito bem-vindas pesquisas que lançam luz sobre esse universo, mais ainda quando trazem à baila contextos pouco evidenciados na literatura sobre o assunto, neste caso, uma cidade de médio porte” (FRANCH, 2016, p. 14).

O livro está dividido em quatro capítulos, uma introdução e uma conclusão. Além de um prefácio e uma apresentação assinados por Mônica Franch e Mauro Guilherme Pinheiro Koury, respectivamente, ambos professores do PPGA/UFPB. Tanto Franch quanto Koury ressaltam a originalidade deste livro, caracterizam-no como um relevante marco teórico e metodológico para a antropologia contemporânea, pois a partir de uma análise antropológica de orientação simbólico-interacionista e pós-estruturalista, particularmente sob a ótica da antropologia das emoções e da antropologia da moralidade, de um lado, e da antropolo-

gia do gênero e da sexualidade, de outro. A autora elabora uma análise original e pioneira sobre o problema de pesquisa proposto.

Trata-se de uma obra que expressa o caminho teórico e metodológico desenvolvido por Oliveira ao longo de sua pesquisa de mestrado em antropologia, mas também a partir da sua contribuição sistemática como expositora, debatedora e/ou coordenadora de grupos de trabalhos, simpósios temáticos, fóruns de pesquisa, mesas redondas, entre outros, nos principais eventos acadêmicos no Brasil e na América Latina, entre eles a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), a Reunião de Antropologia do Norte de Nordeste (ABANNE), a Reunião Equatorial de Antropologia (REA), o Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Antropologia (ALA) e o Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Além disso, foram fundamentais os diálogos e as parceiras que a autora manteve, ao longo desse processo, com vários grupos de pesquisa, a exemplo do GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções e do GRUPESSC – Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura, ambos da UFPB, e do SEXGEN – Grupo de Pesquisa em Sexualidades, Corpo e Gênero da UFPA - Universidade Federal do Pará. O livro de Oliveira, portanto, não pode ser lido como uma contribuição avulsa, mas antes como uma pioneira e atual contribuição para a institucionalização dos estudos sobre homoerotismo entre mulheres sob a ótica da antropologia contemporânea¹.

No primeiro capítulo, a autora apresenta o caminho metodológico a partir do qual desenvolveu o trabalho de campo, na cidade de João Pessoa, durante pouco mais de um ano, entre 2012 e 2013. Nesse sentido, Oliveira participou de atividades polí-

¹Cumpramos ressaltar que, desde a graduação em Ciências Sociais, Oliveira tem contribuído sistematicamente para a consolidação dos estudos sobre homoerotismo entre mulheres no campo da antropologia no Brasil ver Oliveira (2016, 24-25). Objeto de pesquisa que a autora continua desenvolvendo em sua tese de doutoramento em antropologia social no âmbito Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

ticas organizadas pelo Movimento LGBT local, circulou por vários espaços de sociabilidade destinados para o público GLS, mas também por outros espaços que não oferecem necessariamente uma proposta GLS, ou ainda, por espaços considerados mais heterossexualizados pelas suas colaboradoras. Além disso, a autora esteve em um serviço de tratamento especializado para pessoas vivendo com HIV/Aids (SA-E). Participar desses espaços variados, por sua vez, permitiu a autora constituir diferentes redes de relações e acompanhar o cotidiano de várias mulheres entre 20 e 51 anos de idade. Essa diversidade de situações corriqueiras que a autora vivenciou, no decorrer do trabalho de campo, foi organizada a partir de entrevistas formais, conversas informais e observação participante em cafês, bares, boates, festas, entre outras formas de interação.

O foco de análise da autora, neste primeiro capítulo, é então o de problematizar a emergência da *intersubjetividade* na prática antropológica, particularmente a partir da relação desta com o campo da sexualidade. O que, por sua vez, conduz a autora a discutir os dilemas éticos e morais implicados na escolha da sexualidade como objeto de pesquisa antropológico. Com isso, ao situar as pistas (e armadilhas) metodológicas que a inter-relação entre experiência etnográfica e produção de conhecimento sugere, Oliveira narra as singularidades constitutivas do seu do trabalho de campo, para, assim, situar-se enquanto pesquisadora e militante. Nesse percurso, a autora explora as familiaridades e os estranhamentos suscitados pelas relações que a mesma estabeleceu com as mulheres que compõem o universo de sua pesquisa. E, assim, Oliveira chama a atenção para a necessidade de entender o trabalho antropológico como uma modalidade de experiência moral, a partir da qual a relação entre produção do conhecimento, vigilância epistemológica e distanciamento ético deve ser problematizada. A autora, deste modo, também coloca em relevo a importância de se analisar os efeitos e os usos políticos que a produção de uma etnografia sobre práticas sexuais implica, especialmente sob a ótica das disputas morais.

No decorrer da análise, ao discutir a relação entre ética, trabalho de campo e

subjetividade, Oliveira também descreve a *economia de sedução* que caracterizou o seu trabalho de campo. Para a autora, trata-se de uma categoria analítica relevante, uma vez que a permitiu melhor entender a sociabilidade urbana entre as mulheres pesquisadas. Nesse sentido, ainda que seja uma sociabilidade menos marcada em relação à sexualidade, não se pode reduzir as interações sexuais destas mulheres a uma dinâmica erótica menos sexualizada, mas, sim, como experiências particulares de vivenciarem as suas sexualidades. Com isso, Oliveira resalta que, no que se refere às escolhas metodológicas,

Essas expectativas, que caracterizam o fazer etnográfico sobre a sexualidade, implica um modo de interação simbólico que comunica acerca das relações subjetivas dos sujeitos da pesquisa. [...] essas interações servem como fio condutor para analisar a construção do desejo, das relações eróticas e as possibilidades de práticas sexuais provenientes do trabalho de campo. Portanto, problematizar essas interações erotizadas pode enriquecer as análises sobre a prática etnográfica, no campo da sexualidade (p 44-46).

A partir dessa ótica de análise, a autora se posiciona como pesquisadora e militante, mas também como observadora e observada. E, ao se posicionar de diferentes formas em campo, Oliveira chama a atenção para a importância da *reflexividade* no trabalho de campo e para a diversidade de experiências e posições que um/a mesmo/a pesquisar/a experimenta em campo e como essas experiências e posições produzem *efeitos* no modo como as análises são construídas.

No segundo capítulo, a análise de Oliveira recai sobre as *curvas de vida* a partir das quais essas mulheres negociam a legitimidade de viver os seus desejos por outras mulheres. Para tanto, a autora discute o jogo de mudanças e permanências que marca os sentidos e os significados ambíguos e ambivalentes do processo de constituição de identidades sexuais entre suas interlocutoras. Nesse sentido, Oliveira também apresenta tanto as experiências “heterossexuais” quanto as experiências “homossexuais” destas mulheres. Com isso, a autora observa que, tanto a “heterossexualidade” quanto a “homossexualidade” são

desejos sexuais socialmente produzidos. Deste modo, a partir das narrativas das suas interlocutoras, a autora (OLIVEIRA, 2016) assinala que “as experiências homoeróticas figuram como uma ruptura nas curvas de vida dessas mulheres, de modo a instituir uma nova temporalidade em relação aos seus projetos individuais e coletivos, modos e estilos de vida e visão de mundo (p. 55)”; as experiências heterossexuais, por sua vez, foram relevantes, segundo a autora, “para o entendimento do modo como estas mulheres organizam simbolicamente e modificam, em discursos e posturas políticas, suas experiências homoeróticas” (p. 55).

Ao analisar esse jogo de mudanças e permanências, a autora procura conhecer as particularidades das experiências conflituosas e contraditórias de suas interlocutoras, as quais se caracterizam pelas idas e vindas que as mesmas agenciam em função de uma realidade diversificada. O que, por sua vez, leva Oliveira a estabelecer aproximações analíticas entre *projeto* e *campo de possibilidade*. Esse par conceitual será fundamental para a autora, uma vez que, permitiu-lhe elaborar um olhar mais sensível sobre as circunstâncias socioculturais e a dimensão mais consciente que perpassam as escolhas dessas mulheres. Para, assim, perceber com essas mulheres se fazem, são feitas e refeitas, por meio das experiências individuais. Essa sensibilidade analítica, também, conduz a autora a relacionar projeto e campo de possibilidade, como uma dimensão mais racional, na qual essas mulheres reinterpretem essas *metamorfozes* com outros significados.

No terceiro capítulo, com uma escrita delicada, e, ao mesmo tempo, com uma fundamentação teórica bastante consistente, a autora analisa as *emoções*, as *disputas morais*, as *desculpas* e as *justificativas* que marcam o processo de *negociação* da visibilidade entre as mulheres com si mesmas, com os outros e com a sociedade. Sem desconsiderar o jogo de forças e a dinâmica de resistências que caracterizam o processo de elaboração de identidades sexuais, Oliveira chama a atenção para o modo com as suas interlocutoras dramatizam e avaliam as circunstâncias socioculturais nas quais seus desejos homoeróticos se expressam. Com isso, a autora coloca em relevo a importância de se problematizar a margem

relativa a partir da qual essas mulheres fazem escolhas e projetam caminhos, ou seja, a dimensão racional e consciente, mas também a dimensão sociocultural, que, configuram projetos e campo de possibilidade. Nesse sentido, a autora analisa que:

[...] a possibilidade de que os indivíduos escolham ou possam escolher “assumir” projetos e estilos de vida homoeróticos, não depende necessariamente das suas “escolhas” subjetivas, mas sim das possibilidades históricas e culturais, uma vez que a experiência individual de cada sujeito adquire significado particular dentro das regras sociais e culturais. Portanto, “assumir” projetos e estilos de vida homoeróticos não satisfaz apenas uma ordem de fatores individuais, mas aponta para toda uma lógica societária de organização da individualidade em campos de possibilidades bastante concretos. [...] A intrínseca relação entre a singularidade dos sujeitos sociais e os processos sociais de construção identitária, por sua vez, provocam a necessidade de problematizar a “margem relativa da possibilidade de escolha” como desejo individual. Deve-se analisar, para tanto, os aspectos subjetivos e paradigmas culturais existentes que envolvem essas “escolhas”. Deste modo, quando uso a noção de “escolha”, não pretendo sugerir que a apropriação performática de determinados modelos de identidade seja expressão de essências, mas sim produtos de disposições históricas. [...] É no interior de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, que os projetos individuais e coletivos podem ser elaborados e construídos. Deste modo, a noção de projeto, com todas as suas ambiguidades, implica em possibilidade de mudança individual no interior e a partir de um mapa sociocultural relacional. [...] [e] vincula-se intimamente com uma realidade objetiva e externa, que implica uma avaliação moral dos custos emocionais para os indivíduos em interação. (OLIVEIRA, 2016, p 101-103).

Sob essa ótica de análise, a autora discute os dramas e as negociações que perpassam as tensões e os conflitos característicos da experiência de viver a metáfora do armário. Nesse sentido, Oliveira demonstra as emoções e as moralidades que dão sentido às experiências individuais das suas interlocutoras. De maneira original e pioneira, a autora articula emoções e mora-

lidade como categorias analíticas centrais para o entendimento das tensões e dos conflitos que emergem no processo de negociação da visibilidade entre mulheres. Deste modo, Oliveira discute os sentidos da *vergonha*, do *medo*, da *injúria*, do *insulto*, entre outros *sentimentos morais*, como constitutivos da elaboração intersubjetiva de uma identidade sexual dissidente.

Desta maneira, ao destacar a dinâmica emotiva e moral que compõe o campo semântico das narrativas das suas interlocutoras, a autora também consegue entender os sentidos do *respeito* e da *aceitação*, categorias estas que, segundo a autora, definem e tensionam as relações dessas mulheres com si mesmas, com os outros e com a sociedade, particularmente no âmbito das *redes* familiares, de parentescos e de amizades (OLIVEIRA, 2015). Nesse sentido, a autora coloca que, se por um lado, as redes familiares e de parentescos são narradas como relações mais tensionais e conflitivas, e, por outro, as redes de amizades são narradas como uma forma de sociabilidade menos tensional e mais solidária, ambas, no entanto, não devem ser analisadas como inteiramente opostas, mas antes como *relações* mutuamente exclusivas. Pois, como adverte a autora, não se deve perder de vista o aspecto *relacional* que caracteriza os sentidos atribuídos a cada rede.

Em síntese, neste terceiro capítulo, a autora analisa as tensões e os conflitos próprios da experiência do viver o armário. Experiência esta que nas considerações de Koury, em sua apresentação para o livro, pode ser entendida como:

um estágio em que uma pessoa descobre sua sexualidade, mas tem receio de expô-la publicamente, inclusive tendo vergonha de si mesma e se sentido inferior às demais pessoas consideradas *normais*, por possuírem uma sexualidade dita *normal*, isto é, dentro da normalidade heteronormativa –, a dor pessoal de se saber diferente, o receio de aproximar-se de outra pessoa e revelar seus sentimentos e desejos [...]. Este desvendar é realizado delicadamente e minuciosamente através da montagem de toda uma carga emocional depositada pelas informantes, ao revelarem o cenário de envergonhamento e de medo na descoberta de sentirem desejo por outras mulheres e se descobrirem diferentes.

A descoberta da diferença, a vivência clandestina da sexualidade dissidente, os medos, os receios, a vergonha, acompanhada pelo estigma, pelo preconceito e pela estigmatização cotidiana, assim, é observado e compreendido como uma ruptura biográfica. Ruptura biográfica esta que levam as entrevistadas, cedo ou tarde, a se revelarem – e, segundo a autora, – a processarem as suas experiências individuais de saída do armário (KOURY, 2016, p. 9-10; grifos do autor).

No quarto capítulo, por fim, a autora problematiza a ética e a moral que caracterizam o risco em sentido epidemiológico. Para tanto, em um primeiro momento, a autora discute o risco enquanto uma categoria coletiva de classificação e de interpretação simbólica da experiência social, e em um segundo momento, analisa os sentidos ambíguos do risco nas práticas homoeróticas de suas interlocutoras. Nesse sentido, a autora argumenta sobre o caráter polifônico que o valor do risco tem assumido, seja enquanto experiência individual, ou enquanto experiência social, pois esta categoria de classificação também incorpora outros termos como “perigo”, “arriscado”, “inseguro”, entre outros. Particularmente, no âmbito das práticas homoeróticas entre mulheres, como propõe a autora, a inter-relação entre prazer e risco é um percurso pertinente para pensar os valores e os princípios morais que afetam a intimidade dessas práticas, uma vez que as explicações morais dizem respeito às experiências cotidianas de intimidade. Deste modo, distanciando-se de um discurso normalizador, ou seja, de responsabilização e de culpabilização individual, a autora procura entender as percepções e as gestões do risco por dentro das narrativas das suas interlocutoras.

Com isso, a autora traz uma análise que se preocupa com o caráter vivencial do risco e do prazer. O que, por sua vez, conduz a autora a refletir sobre os sentimentos como medos, insegurança, receios, vergonha, segredos, entre outros, que compõem o campo semântico do risco como escolha. Nesse caminho desenvolvido pela autora, as emoções *desconfiança*, *confiança* e *confiabilidade*, assim como *traição* e *fidelidade*, emergiram como categorias analíticas centrais para entender os sentidos de intimidades e de compartilhamentos nas parcerias

homoeróticas de suas interlocutoras. De maneira pioneira e original, Oliveiras e distancia de uma análise epidemiológica do risco, - a qual envolve cálculos e probabilidades-, para se alinhar a uma análise simbólica e interacional do risco, o que a permitiu perceber as particularidades que constituem uma relação de intensa convivência, como as que foram observadas em seu trabalho de campo.

Deste modo, enfocando o caráter de escolha individual até mesmo em uma parceria homoerótica sorodiscordante, isto é, analisando o risco como uma escolha consciente e voluntária, a autora conclui que:

as noções de risco e prazer perpassam não apenas as percepções de risco epidemiológico relacionados às possibilidades de infecção por DST e HIV/Aids entre mulheres sorodiscordantes ou não. Bem mais abrangente, o risco entendido em seu aspecto relacional amplo também se configura como um elemento central desse processo social de construção de intimidades e compartilhamentos (OLIVEIRA, 2016, p. 146).

Assim sendo, ao final do livro, o/a leitor/a irá perceber que os sentidos ambíguos e ambivalentes do risco e do prazer perpassam todos os capítulos. Pois, como argumenta a autora, o risco e o prazer estão presentes na relação entre ética e trabalho de campo; nas curvas de vida, nos projetos e nos campos de possibilidade das suas interlocutoras; nos processos de negociação de visibilidade de suas práticas homoeróticas; e nas formas como essas mulheres querem ter prazer. Considerações estas que a autora chega a partir de um mergulho das narrativas e curvas de vida de suas interlocutoras, mas também por meio de um trabalho de campo sistemático e cotidiano.

Este é o primeiro livro publicado de Jainara Oliveira, o qual certamente oferecerá ao público interessado no estudo sobre práticas homoeróticas entre mulheres uma análise original e pioneira a respeito do problema proposto. Mas o público interessado também encontrará uma análise mais ampla sobre a relação entre indivíduo e sociedade e os paradigmas culturais existentes que tornam possível a vida social. Portanto, o livro não servirá apenas como inspiração para novas gerações de pesquisadores/as do campo dos estudos de gênero

e sexualidade, bem mais abrangente o livro é ainda uma relevante contribuição para as ciências sociais, e em especial, para a antropologia e a sociologia das emoções e da moralidade.

Referências

FRANCH, Mónica. Prefácio. In: Jainara Gomes de Oliveira. *Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres*. Curitiba: Appris, 2016

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Apresentação. In: Jainara Gomes de Oliveira. *Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres*. Curitiba: Appris, 2016

OLIVEIRA, Jainara Gomes de. *Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres*. Curitiba: Appris, 2016.

OLIVEIRA, Jainara Gomes de. Quando o armário é aberto: confiança e segredo na experiência da amizade. Dossiê “Gênero, sexualidade, emoção e moralidade”. *Revista Equatorial*, v.2, n.3, jan/jul de 2015, p. 13-35.

Tarsila Chiara Albino da Silva Santana

Recebido: 01.06.2016
Aprovado: 16.07.2016

SANTANA, Tarsila Chiara Albino da Silva. “Emoções e moralidades entre mulheres como práticas homoeróticas: uma resenha”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.15, n. 44, 201-205, agosto de 2016. ISSN: 1676-8965.

Resenha

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

